

boletim Evoliano

Núm. 1, 2ª Série
2º Quadrimestre 2011

Uma única coisa deve importar ao Homem: permanecer de pé entre as ruínas

○ Espírito Legionário

Também neste número:

**A Montanha e
a Espiritualidade**

**Hierarquia e
trifuncionalidade**

**Solaridade
e Tradição**

**A propósito de
Pedro Varela:
Bandeiras e
Etiquetas**



Editorial à guisa de homenagem

A extraordinária expansão da blogosfera em Portugal em 2004 permitiu-me, além de estabelecer uma rede de informações e partilha de ideias, ter contacto com muitas pessoas interessantes, algumas das quais se tornaram minhas amigas. Foi assim que comecei a colaborar com a equipa desta revista, com cujas ideias nem sempre concordo. Fi-lo por amizade e por apreço por um projecto pleno de Ideal e condenado ao ostracismo – seja pela ideologia que veicula, seja por um certo hermetismo do tema (nesta época de *prêt à penser*, qualquer esforço de reflexão para além do básico torna-se em si mesmo uma tarefa votada ao fracasso).

Nesta época de desideologização, de materialismo frenético, hipocritamente polvilhado com doses moderadas de “preocupações éticas” (ambiente, pobreza, imigração), faz algum sentido falar-se em “legiões”? A resposta prende-se com aquilo a que poderemos chamar “fazer sentido”. Se pensamos em possibilidades de realização prática do Ideal, então o melhor é tirar daí o sentido: na mente das pessoas, na sua *praxis*, toda a vida é governada pelo materialismo: mesmo quem possa ter mais veleidades éticas é confrontado com a necessidade de prover às suas necessidades (mesmo que espartanas) e às dos seus, sobrando pouco tempo (físico e mental) para “devaneios”. E não é isso mesmo que, segundo diz quem conhece por dentro as agendas de Bilderberg, se pretende impor aos povos coevos: a ansiedade perante as incertezas deste mundo, ciosamente alimentada por políticos, jornalistas e fazedores de opinião em geral? Um ser ansioso centra a sua vida na sobrevivência e “já se dá por satisfeito” se esta estiver assegurada.

Mas se pensamos no Ideal como algo de que, mesmo perante as mais dramáticas procelas do mundo contemporâneo, não abdicamos (não pela convicção de que a sua implantação prática está para breve ou mesmo se é possível de todo), então, segundo a fórmula conhecida do pensador que esta revista homenageia, é com orgulho que o verdadeiro Homem se ergue entre as ruínas.

E é entre as ruínas da civilização e entre o lixo da comunicação social de pensamento único, que se ergue, magnífica, esta revista. E é por isso que, mesmo não concordando com algumas das ideias que veicula, com ela colaboro com todo o orgulho e com o fervor da amizade que me une aos seus mentores.

– FS



Corneliu Zelea Codreanu
(13/09/1899 - 30/11/1938)

ÍNDICE

Editorial	2
A Montanha e a Espiritualidade	3
Hierarquia e trifuncionalidade	5
Solaridade e Tradição	7
Prólogo a «O Espírito Legionário»	9
O Espírito Legionário	10
A propósito de Pedro Varela: Bandeiras e Etiquetas	19

FICHA TÉCNICA

Número I (2ª Série)

2º quadrimestre 2011

Publicação quadrimestral

Internet:

www.boletimevoliano.pt.vu
www.legiaovertical.blogspot.com

Contacto:

legiaovertical@gmail.com

Doutrina

A Montanha e a Espiritualidade

Julius Evola

No mundo moderno existem dois factores que, acima de quaisquer outros, são responsáveis por embotar a nossa compreensão da espiritualidade tal como foi conhecida nas mais antigas tradições: o primeiro é o carácter abstracto da nossa cultura; o segundo é a glorificação de uma cega e frenética obsessão pela actividade.

Por um lado, há pessoas que identificam o “espírito” com a erudição adquirida em bibliotecas e nas salas de aula das universidades, ou com os jogos intelectuais dos filósofos, ou com um esteticismo literário ou pseudo-místico. Por outro lado, as novas gerações transformaram a competição atlética numa religião e parecem incapazes de conceber o que quer que seja para além da excitação das sessões de treino, competições e proezas físicas; elas realmente tornaram as conquistas desportivas num fim em si mesmo em vez de serem um meio para um fim mais elevado.

Algumas pessoas consideram esta oposição de estilos de vida como uma espécie de dilema. Na realidade, no chamado tipo académico, frequentemente encontramos uma aversão inata por qualquer tipo de disciplina física; e do mesmo modo, em muitos praticantes de desportos, o sentido da força física alimenta o desprezo por aqueles que nas suas “torres de marfim” se limitam aos livros e às guerras de palavras que eles consideram inofensivas.

Estes dois estilos de vida devem ser considerados como mal orientados e como frutos da decadência moderna por serem ambos estranhos à visão heróica do espírito que constituiu o eixo das melhores tradições clássicas do Ocidente que, no contexto da actual renovação da Itália, tem sido evocado com sucesso.

Muito frequentemente as pessoas esquecem que a espiritualidade é essencialmente um modo de vida e que a sua medida não consiste em noções, teorias e ideias que foram armazenadas na própria cabeça.

A espiritualidade é na realidade aquilo que de forma bem sucedida foi actualizado e traduzido numa sensação de superioridade que é experimentada internamente pela alma, e a nobre conduta, que se expressa no corpo.

A partir desta perspectiva é possível apreciar uma disciplina que, embora possa concernir às energias do corpo, não começa e acaba com elas mas que se tornará por sua vez no meio para o despertar de uma espiritualidade vivaz e orgânica. Esta é a disciplina de um carácter interior superior.

No asceta, tal disciplina está presente numa forma negativa, por assim dizer; no herói está presente numa forma positiva e afirmativa, típica do mundo Ocidental. A vitória interna contra as forças mais profundas que afloram na própria consciência durante momentos de tensão e perigo mortal é um triunfo num sentido externo, mas é também a marca de uma vitória do espírito sobre si próprio e de uma transfiguração interior. Por esse motivo, na antiguidade, uma aura de sacralidade envolvia tanto o herói como o iniciado num movimento religioso ou esotérico, e figuras heróicas foram consideradas como símbolos de imortalidade.

Não obstante, na civilização moderna tudo tende a sufocar o sentido heróico da vida. Tudo está mais ou menos mecanizado, espiritualmente empobrecido, e reduzido a uma prudente e regulada associação de seres carentes e que perderam a sua auto-suficiência. O contacto entre os profundos e livres poderes do homem e o poder das coisas e da natureza foi cortado; a vida metropolitana tudo petrifica, sincopa toda a respiração, e contamina toda a “fonte” espiritual. Como se isso não bastasse, as ideologias dos espíritos fracos nutrem desprezo por todos aqueles valores que noutros tempos foram os pilares fundamentais de organizações sociais mais racionais e brilhantes. Nas sociedades antigas o topo da hierarquia era ocupado pela casta da aristocracia guerreira, ao passo que hoje em dia, nas utopias pacifistas-humanitárias (especialmente nas anglo-saxãs), tenta-se retratar o herói como uma



“Na batalha contra as altitudes da montanha, a acção é finalmente livre de todas as máquinas e de tudo aquilo que distrai da directa e absoluta relação do homem com as coisas. Próximo do céu e das profundas fendas de gelo é possível despertar o símbolo da superação, uma luz verdadeiramente espiritual e viril, e estabelecer contacto com as forças primordiais encerradas no interior dos membros do corpo.”

espécie de anacronismo, e como uma entidade perigosa e nociva que um dia será convenientemente abolida em nome do progresso.

Uma vez sufocada, a vontade heróica procurará outros escapes fora da rede dos interesses práticos, paixões e anseios, e essa rede torna-se cada vez mais apertada com o passar do tempo: a excitação que os desportos induzem nos nossos contemporâneos é apenas uma expressão disto. Mas o heróico necessitará de se tornar novamente auto-consciente e mover-se para além dos limites do materialismo.

Na batalha contra as altitudes da montanha, a acção é finalmente livre de todas as máquinas e de tudo aquilo que distrai da directa e absoluta relação do homem com as coisas. Próximo do céu e das profundas fendas de gelo – entre a calma e silenciosa grandiosidade dos cumes; nos impetuosos ventos e tempestades de neve; entre o brilho ofuscante dos glaciares; ou entre a feroz e impiedosa verticalidade das paredes rochosas – é possível despertar (através daquilo que a princípio pode parecer o mero emprego do corpo) o símbolo da superação, uma luz verdadeiramente espiritual e viril, e estabelecer contacto com as forças primordiais encerradas no interior dos membros do corpo. Deste modo a luta do alpinista será mais do que física e uma escalada bem sucedida poderá representar o cumprimento de algo que já não é meramente humano. Nas mitologias antigas os picos das montanhas eram considerados os tronos dos deuses; isto é mito, mas é também a expressão alegórica de uma crença real que poderá sempre ressuscitar *sub specie interioritatis*.

Na vida – como tem sido assina-

lado, desde Nietzsche, por Simmel – os humanos têm um estranho e quase inacreditável poder para atingir certos cumes existenciais nos quais “viver mais” (*mehr leben*), ou a mais alta intensidade de vida, é transformado em “mais do que viver” (*mehr als leben*). Nestes cumes, tal como o calor se transforma em luz, a vida torna-se livre dela própria; não no sentido da morte da individualidade ou de algum tipo de naufrágio místico, mas no sentido de uma afirmação transcendente da vida, na qual angústia, inquietação interminável, anseio e preocupação, a demanda pela fé religiosa, sustento e metas humanas, tudo cede o caminho a um estado dominante de calma. Existe algo maior que a vida, dentro da própria vida, e não fora dela. Esta experiência heróica é boa e valorosa em si própria, enquanto que a vida comum é apenas guiada por interesses, coisas externas e convenções humanas. Uso a palavra *experiência*, porque este estado não está ligado a nenhum credo ou teoria em particular (que são sempre inúteis e relativas); pelo contrário apresenta-se da forma mais directa e indubitável, tal como as experiências de dor e prazer.

Esta profunda dimensão do espírito, que se percebe a si própria como

infinita, auto-transcendente, e para além de toda a realidade manifesta, é novamente despertada e resplandece – mesmo que de forma não inteiramente consciente – na “loucura” daqueles que, em número crescente e sem nenhuma razão específica, ousam desafiar as altitudes da montanha, conduzidos pela vontade que prevalece sobre os medos, a exaustão e os instintos primitivos de prudência e autopreservação.

Sentir-se abandonado aos próprios recursos, sem auxílio numa situação desesperada, envolto apenas nas próprias forças ou fraquezas, sem ninguém com quem contar além de si mesmo; a escalar de rocha em rocha, de apoio em apoio, de saliência em saliência, inexoravelmente, por horas e horas; com a sensação da altitude e do perigo iminente por toda a parte; e finalmente, após o duro teste de invocar toda a sua auto-disciplina, o sentimento de uma indescritível libertação, de uma solidão solar e do silêncio; o fim da luta, a subjugação dos medos, e a revelação de um horizonte ilimitado, por milhas e milhas, enquanto tudo o resto jaz abaixo – em tudo isto pode-se verdadeiramente encontrar a real possibilidade de purificação, de despertar, de renascimento de algo transcendente.

Não importa que o simbolismo heróico da montanha possa apenas ser experimentado inicialmente por poucos. Quando estes significados são devidamente focados, eles irão influenciar pessoas. Não há um verdadeiro alpinista que não seja capaz de experienciar a escalada, nem que seja apenas por uns poucos vislumbres ocasionais, como algo mais que um mero desporto. Da mesma forma, não há um verdadeiro alpinista que não ostente, nos olhos ou no rosto escurecido pelo reflexo do sol

“Na vida os humanos têm um estranho e quase inacreditável poder para atingir certos cumes existenciais nos quais “viver mais” (*mehr leben*), ou a mais alta intensidade de vida, é transformado em “mais do que viver” (*mehr als leben*). Nestes cumes, tal como o calor se transforma em luz, a vida torna-se livre dela própria”

na neve, a marca de uma raça que se transformou para além da do povo das planícies.

Nesta base, devemos salvar as montanhas da contaminante invasão de turistas que tentam conquistá-las pela montagem dos seus “civilizados” acampamentos-base. Não me refiro apenas a esses jovens de espírito fraco que levam para as populações estâncias de montanha os seus hábitos frívolos e mundanos da cidade (tais como as discotecas e as quadras de ténis), e que de maneira snobe exibem o seu novo equipamento colorido, comprado unicamente para usar nalguma inofensiva caminhada pelos bosques. Refiro-me também àqueles que maculam locais silenciosos e incontaminados com materialismo e trivialidade, nomeadamente com um espírito competitivo e a mania pelo que é difícil e inusual, apenas com o objectivo de bater novos recordes.

A montanha requer pureza e simplicidade; requer ascetismo.

Oh céu acima de mim! Céu claro e profundo! Abismo de luz! Ao contemplar-te estremeço de divinos desejos! Elevar-me à tua altura: eis a minha profundidade! Cobrir-me com a tua pureza: eis a minha inocência! (...) E quando eu caminhava só, de que tinha a minha alma fome durante as noites e nos caminhos do erro? E quando eu escalava montes, a quem procurava nos píncaros senão a ti? E todas as minhas viagens e todas minhas escaladas não passavam de um expediente e recurso da inércia. O que a minha vontade toda quer é voar, voar para ti!

Estas são palavras que Friedrich Nietzsche, o filósofo defensor da vontade de poder, escreveu nas montanhas isoladas de Engadine. Para algumas pessoas estas palavras poderão não passar de efusões líricas. Para outras elas podem conter tanto o sentido íntimo da atitude espiritual heróica, o espírito do que é acção, como da disciplina do auto-controlo implacável. O templo deste espírito é a majestade primordial dos cumes, os glaciares, as fendas e abismos de gelo, e o céu azul sem limites.

Neste contexto os cumes montanhosos e os cumes espirituais convergem numa simples e ainda assim poderosa realidade.

Doutrina

Hierarquia e trifuncionalidade*

Eduard Alcántara

Neste mundo moderno, pelo qual nos tocou transitar, produziu-se uma inversão do princípio hierárquico normal que sempre regeu o Mundo Tradicional. Neste, as rédeas do comando sempre foram mantidas por uma realza que à sua natureza guerreira unia atributos sagrados. A elite ou aristocracia sacro-guerreira da qual dita realza fazia parte gozava de uma potencialidade que lhe oferecia a possibilidade de aceder ao Conhecimento do Absoluto através de um processo metódico de transformação interior. Mas o comum dos mortais carecia desta potencialidade, razão pela qual não podia chegar à gnose do Transcendente. O que podia era vislumbrar algo da natureza das Realidades Supraconscientes, desde que tivesse como modelo e exemplo, vital e existencial, essa elite régia e sacra. Isto é, podia aproximar-se dessas Realidades Superiores por participação nesse projecto tendente ao Alto. ⁽¹⁾

Se a essência do princípio regedor de uma comunidade for de tipo espiritual, as suas metas tenderão para o Supremo e os meios a utilizar para aproximar-se ou alcançar semelhantes fins estarão em consonância com ditos objectivos e nunca sofrerão de egoísmos, utilitarismos, falácias, enganos, hipocrisias, traições, vilezas ou cobardias.

Se, pelo contrário e tal como acontece no nosso dissolvente mundo actual, o material for concebido como a única realidade existente ⁽²⁾ a contra-hierarquia que detenha – e detém – os mecanismos do poder não actuará de acordo com uma ética e princípios derivados do Alto, sendo a sua acção marcada por contra-valores emanados do baixo, aos

quais não serão estranhos, caso seja conveniente, a mentira, o suborno, a mesquinhez, o egoísmo, a perfídia, a fraude ou o engano. Falamos pois, em contraste com o que deve ser uma sociedade normal e ordenada, de contra-hierarquia ou, o que é semelhante, de anti-hierarquia.

De seguida (enquadradas em tradições e âmbitos geográficos distintos) aparecem uma série de reflexões relacionadas com esta inversão ocorrida no mundo moderno, bem como comentários nos quais se reflecte aquela que foi a ordenação social hierarquizada do mundo tradicional, na qual não existia um estamento sacerdotal propriamente dito e separado de outras funções, sendo que as obrigações e ritos sagrados corriam a cargo de membros da nobreza sacro-guerreira ao seio da qual pertencia a realza. Como amostra disto poderíamos recordar a figura de um Júlio César que, além dos seus cargos políticos e militares, detinha também a dignidade de “flamens dialis” ou oficiante supremo dos ritos consagrados ao próprio Júpiter.

* * *

Três eram as castas que constituíam qualquer comunidade Tradicional e que conformavam a sua natureza orgânica: a realza e nobreza sacras (primeira), a guerreira (segunda) e a produtiva e comercial (terceira). Cada uma delas cumpria uma função específica. Falamos, pois, de um mundo trifuncional.

* * *

Tal como escreveu Julius Evola, na antiga Índia aparecem, como processo regressivo e negativo, os brâmanes (a partir dos purohitas,

que eram sacerdotes que dependiam do rei sacro e cuja origem deve procurar-se nos cultos dravidianos) que se tornam a casta dominante. Casta, portanto, inexistente no mundo Tradicional, em cuja pirâmide social encontramos em primeiro lugar, na sua cúspide, a casta régio-guerreira e aristocrática de atributos sagrados, em segundo lugar, abaixo dela, a casta guerreira propriamente dita e no terceiro posto, na sua base, todos aqueles que se dedicam a actividades de tipo económico: comerciantes, artesãos, agricultores, camponeses...

O sacerdócio, como função autónoma, não existiu em nenhuma civilização a que possamos, legitimamente, chamar Tradicional. Não existiu na China nem no Japão imperiais e apenas apareceu tardiamente no Antigo Egipto (e foi como reflexo de um processo involutivo).

E na Antiga Roma os principais ritos sacros eram exercidos pela elite de uma patriciado cuja função guerreira também lhe era inata.

* * *

O processo cristianizador não só foi relativamente rápido na Irlanda, mas também praticamente na totalidade do território que compunha o Império Romano e no seio dos povos bárbaros-germânicos que o invadi-

ram. Sem dúvida as formas espirituais pré-cristãs – o mal chamado paganismo – tinham entrado, desde algum tempo, num processo de decadência que, por exemplo, numa boa parte do mundo celta tinha dado lugar à aparição e hegemonia da casta sacerdotal dos druidas. A irrupção desta casta coincide com uma certa deriva matriarcal no seio de muitos povos celtas. Antes de se dar este declínio, o patriarcado do mundo celta corria em paralelo ao facto de que os ritos sagrados eram exercidos pela aristocracia dirigente.

* * *

Outro dos traços dos povos que se circunscreviam às pautas conformatoras do Mundo Tradicional foi sempre a sua organização social de tipo vertical, fortemente hierarquizada e estruturada em castas ou estamentos sociais com funções muito definidas e em cuja pirâmide se encontrava a realza detentora do poder guerreiro e espiritual. No caso do mundo ibero não podia ser de outra maneira e assim os reis detinham o poder político e religioso como membros que eram da casta dirigente: a aristocracia ou nobreza guerreira impregnada de um sentido superior da existência. ⁽³⁾

* * *

Na cúspide de todo o ordenamento social normal não deve estar o mais rico, o mais corrupto ou o mais tirano, mas sim o mais justo. E o mais justo será aquele que aplique as suas funções e/ou atributos governantes com a vara de medir do sentido – ou condição – Transcendente.

* * *

Que tipo de governantes nos pode fornecer o sistema de sufrágio universal? Pois, muito simplesmente, os que mais dinheiro têm para pagar uma boa campanha eleitoral, os mais vendidos e dóceis a um sistema que, através da banca, financia ditas campanhas, os mais mentirosos na hora de prometer mundos e fundos aos seus potenciais votantes...

É comparável esta opção de ser “governado” por este tipo de político sem princípios éticos, corrupto, egoísta e sem escrúpulos, à opção de ser governado por alguém que à sua função e/ou atributo régio-político une outras funções e/ou atributos sacros? Sem dúvida que este último tipo de governante focará sempre o seu labor político no objectivo de unir a sua comunidade com o Alto. ⁽⁴⁾

* O critério de interpretação da estruturação do Mundo da Tradição de forma trifuncional foi acertadamente exposto pelo filólogo e historiador francês Georges Dumezil. Este autor não considera as quatro castas de que falam muitos textos sagrados Tradicionais, mas apenas três. Para ele estas não seriam (indo de cima para baixo na pirâmide social) a sacro-regio-aristocrática (1ª), a guerreira (2ª), a dos mercadores (3ª) e a da mão-de-obra (4ª), sendo que a 3ª e a 4ª (*vaishas* e *sudras* na terminologia do hinduísmo) constituiriam uma só casta (a 3ª e última), uma vez que tanto mercados como mão-de-obra formam parte da mesma função e exercem o mesmo tipo de actividade: actividades relacionadas com o económico e o produtivo. Por outro lado, se o leitor quiser ter uma percepção detalhada de como, através de um processo involutivo, a primeira casta do Mundo Tradicional (a sacro-regio-aristocrática) acaba por ver os seus diferentes atributos separarem-se, dando origem como consequência disso à casta sacerdotal (*brâmanes*) e à casta guerreira (*kshatriyas*), pode consultar o nosso escrito “Os ciclos heróicos. A doutrina das Quatro Idades, da regressão das castas e a concepção da liberdade em Evola” (disponível on-line em: <http://septentrionis.wordpress.com/2009/02/08/los-ciclos-heroicos>).

1. Não obstante, no mundo da Tradição a possibilidade de aceder ao Conhecimento das Realidades Suprasensíveis e do Absoluto – através de ritos iniciáticos – existiu não só entre os membros da primeira casta (nobreza régio-sacra), mas também a segunda (guerreira propriamente dita) e a terceira (artesãos) tinham a possibilidade de Conhecer outros planos subtis da Realidade (e de operar sobre eles) após completar um processo de desapego e de transmutação interiores. Sempre sem esquecer o facto de que quanto mais subirmos na pirâmide social tradicional mais fácil será chegar à Iluminação ou Despertar (utilizando termos próprios do budismo) e mais possível será completar a Gnose do totalmente Incondicionado. Mistérios consagrados a Marte ou a Mitra entre legionários da antiga Roma, ritos iniciáticos dentro de ordens ascético-militares – como a dos Templários – no Medievo ou organizações secretas como a dos Fiéis de Amor – à qual pertenceu Dante –, também no seio da Idade Média, são alguns exemplos de possibilidade iniciática da segunda casta. A maçonaria operativa que arranca também na etapa medieval (ainda que existam precedentes remotos na antiga Roma entre os “Colégios romanos de Artífices” – arquitectos) e que o faz no interior das irmandades de construtores e artesãos seria outro exemplo, mas neste caso de Iniciação por parte de membros da terceira casta (não confundiremos esta maçonaria operativa com a maçonaria especulativa em que, essencialmente, a partir de princípios do século XVIII se transformou e que tão importante e nefasto papel teve no desencadeamento e/ou êxito das corrosivas revoluções liberais posteriores).

2. Aparte do material, a única outra realidade existente admitida pelo mutilador mundo moderno é a realidade constituída pelo convulso mundo do subconsciente e pelo irracional do inconsciente.

3. Extraído do nosso escrito “Os iberos, príncipes do Ocidente”.

4. Estas reflexões publicamo-las na altura junto com outras que não carecem de relação com muito do que se diz no nosso actual escrito e que podem ser um bom complemento a algumas das ideias que estamos a expor. Fizemo-lo sob o título de “Sobre a democracia. O igualitarismo. Direitos e deveres” (disponível on-line em: <http://septentrionis.wordpress.com/2009/07/04/acerca-de-la-democracia-igualitarismo-derechos-y-deberes>).

Doutrina

Solaridade e Tradição

Eduard Alcántara

As reflexões que de seguida se transcrevem fazem referência mais ou menos directa ao carácter Solar que da concepção do mundo e da existência sempre fizeram gala os nossos antepassados quando a sua existência tinha como grande objectivo pugnar pelo que Eleva. O que, como se tornará patente nas linhas que se seguem, se poderá constatar tanto se debatermos em torno da natureza essencial da mensagem dada pelo príncipe Gautama, como se quisermos dar o enquadramento adequado ao fenómeno do controlo dos sentimentos ou das paixões e dos instintos.

Finalmente consideramos de interesse acrescentar uma série de parágrafos que aludem ao presente tema, ainda que já não se enquadrem dentro da categoria de debates mantidos por nós em distintos meios. Formam parte, pelo contrário, de diferentes artigos redigidos na sua altura e que versam sobre temas diversos; em alguns dos quais se poderá contrastar a antinomia existente entre as concepções solares da existência e as lunares.

* * *

Gentes e raças portadoras – as que se enquadram dentro do Mundo da Tradição – de um tipo de espiritualidade e de uma cosmovisão solar-urânica, olímpica (imutável, serena, sóbria), viril, patriarcal, ascendente, vertical, hierárquica, diferenciadora, ordenada e ordenadora, heróica (no âmbito do carácter e no sentido daquele que luta para reconquistar a divindade, a Eternidade que se encontrava em estado latente, quase esquecida, no seu interior) (...) Representativa, dita cosmovisão, daquilo a que Evola definiu como Luz do Norte. (...) E gentes e raças de origem divina, não descendentes de outras espécies animais. Sacudamos todas as escórias pseudo-científicas e pseudo-culturais com

as quais nos contaminou este corrosivo e decadente mundo moderno em que nos tocou viver! ⁽¹⁾

* * *

O espírito do budismo originário – o que foi fundado por Buddha – caracteriza-se pelo seu carácter Solar que utiliza a via da acção – entenda-se agora acção interior – para alcançar a transmutação interna da pessoa com o objectivo de que o eu se identifique com o Absoluto e Transcendente. Para o alcançar a pessoa deve seguir uma disciplina, uma auto-superação, uma ascese ou “exercícios” internos próprios de uma Espiritualidade de tipo olímpico.

* * *

A dissolução que o homem e sociedade actuais atravessam não tem a sua origem no facto das sensações terem eclipsado os sentimentos. Não. O deixar-se arrastar pelas sensações produz as mesmas distorções, na percepção de qualquer nível da realidade, que o produzido pelo deixar-se arrastar e obnubilar pelos sentimentos. Há que elogiar ao Romantismo a sua busca de muito do nosso passado mais excelso e genuíno, mas há que reprovar-lhe o aspecto turvado deste olhar para trás e a carga de melancolia que este comportava.

Melancolia, paixão, sentimentalismo, transformam a mente num depósito de águas turbulentas que se contrapõe com aquele estado anímico de calma, de serenidade, de equilíbrio, de impassibilidade, de quietude e de auto-controlo propício para focar diafanamente os nossos prementes problemas actuais como comunidade como para entrar-se nos caminhos da transformação interior.



Os nossos antepassados cultivavam a dimensão Transcendente do ser humano. A concepção Solar, Olímpica e viril que dela tinham proporcionava-lhes valores consequentes a outra das suas dimensões: a da alma ou mente. Alguns destes valores eram a honra, a valentia, a constância, a fidelidade, a sinceridade, o espírito de serviço e sacrifício, a auto-superação... Mas quando o mundo moderno fez entrar em letargia a dimensão Transcendente do homem, a mente ou alma ficou sem a sua referência superior “subministradora” de valores; órfã. Assim começou a vacilar e a contemplar passivamente a forma como se ia transformando em escrava de paixões, sentimentos, sensações e baixos instintos que em tempos pretéritos controlava sem muito esforço. Num plano que não diz respeito ao individual não há que deixar de assinalar que da irrupção desordenada, caótica e perturbadora dos mesmos derivam excrescências e subprodutos como os da cultura moderna (muito patentes na arte).

Tanto os sentimentos como as paixões vivem no mesmo covil (a psique), pelo que se encontram no

mesmo nível, digamos, “qualitativo” e produzem distorções similares na percepção correcta da realidade (entendida esta em qualquer nível). Não há que colocar uns acima das outras, já que da mesma forma que existem baixas paixões e bons sentimentos tão-pouco se deve esquecer que há muita gente que sente paixão por coisas nobres, da mesma maneira que existem os maus sentimentos, mas todos eles (sentimentos, paixões, pulsões, instintos) devem ser dominados por aquele que opte pelo seu descondicionamento e pelo percurso em direcção a uma Transcendência que só pode ser de tipo Solar e Olímpico.

Não colocamos, de forma nenhuma, em dúvida o comentário sobre os sentimentos tornarem o homem e a mulher mais humanos. Mas se queremos que o Homem se Reencontre a si mesmo, se queremos que seja Integral e não continue a ser o ser mutilado que é em relação à possibilidade de Transcendência que dorme no seu interior (por culpa da contínua acção deletéria levada a cabo pelo dissoluto mundo moderno em que “vivemos”), se queremos dito Reencontro consigo mesmo não devemos aspirar a que seja mais humano, mas sim a que seja **MAIS QUE HUMANO**. A que não seja escravo do limitado que representa o que de caduco tem (ou seja, o que de humano tem), mas sim a que através do seu descondicionamento e desapego em relação a todo tipo de dependências físicas e psíquicas e através do domínio e controlo de paixões, instintos, baixos impulsos, medos, frustrações, possíveis complexos e traumas e sentimentos prepare o seu interior para o desenvolvimento da chama do Eterno que alberga no seu seio. Desta maneira terá conseguido ser um Ser Superior, Reintegrado, composto hierarquicamente de Espírito, Alma ou Mente e Corpo. Este sim será o verdadeiro Super-homem; alguém não humano, mas sim mais que humano (alguém liberto da sua servidão para com o finito).

* * *

Um tipo de espiritualidade que ultrapassa formas religiosas lunares e devocionais configurando, pelo contrário, uma sacralidade olímpica,

viril e heróica e, definitivamente, solar. Olha-se o Sol, como símbolo de espiritualidade pura, de cara, frente a frente, como o faria quem aspirasse a afastar-se de formas submissas de entender a Transcendência, com o objectivo de avivar a lânguida chama do Absoluto que vive no nosso interior para alcançar a meta do Conhecimento Suprasensível. ⁽²⁾

* * *

Certos povos, com a sua concepção pelágica, matriarcal, telúrica e horizontal da existência, optaram pelo enterramento dos cadáveres e a sua devolução às entranhas da Mãe Terra. Face a eles os povos boreais,



com a sua percepção uranico-solar e vertical da vida, escolheram a cremação do corpo para facilitar desta maneira a saída do Espírito e a sua elevação até fundir-se com o Sol – astro símbolo da mais alta Essência divina – pugnando por chegar à dimensão atemporal e não espacial aparelhada à Espiritualidade Pura. ⁽³⁾

* * *

Tocando de novo no tema da concepção vertical e uranico-solar do existir comum aos povos boreais, não deixaremos de assinalar que, entre estes, o acidente geográfico elevado ou a construção vertical sempre evocaram o Axis Mundi ou eixo simbólico que une Terra e Céu, vida sensível ou física com vida suprasensível ou metafísica. E, referindo-nos ao povo objecto do presente estudo (os iberos), podemos continuar a ler que “os monumentos ou esculturas que se edificam sobre ou junto à tumba são torres, pilares estela, túmulos escalonados...” ⁽⁴⁾

* * *

Na Pérsia, um povo como o iraniano representou esta lide metafísica enfrentando o deus-herói solar Mitra e o touro. O touro adquiria o papel das paixões, dos baixos instintos, da sensualidade e da animalidade que impedem o triunfo e o império da essência divina que vive no interior do ser humano. Deste duelo mitológico saiu vitorioso o deus que, ao matar o touro, fez com que a Luz se impusesse sobre as Trevas e simbolizou, desta maneira, o descondicionamento conseguido pelo Iniciado nos mistérios mitraicos. ⁽⁵⁾

* * *

As religiosidades de tipo lunar estão pelo criacionismo, pois da mesma maneira que a lua carece de luz própria e a luminosidade que dela nos chega não é mais do que um reflexo da luz solar, da mesma maneira, dizíamos, neste tipo de religiosidade só nos chega do Alto um reflexo ou aproximação mental que não é mais do que a única ferramenta fornecida para encarar o Transcendente que a religiosidade lunar coloca ao alcance do homem: a simples fé, a crença e a devoção. Pelo que nega a possibilidade da Gnose do Absoluto e a possibilidade do homem chegar a Ser uno com a dita Transcendência. E nega-a, repetimos, aduzindo que o homem não partilha essência com o Transcendente e não pode, pois, actualizá-lo em si; aduzindo-o, recorde-se, por sustentar que não emana d'Ele e que na natureza de dito homem não se esconde o Espírito em potência.

O homem concebido pelas religiões lunares-criacionistas (aparte não ser apto para empreender tentativas de Restauração da Tradição) será a antessala de posteriores processos de decadência ainda maiores, pois ao ter-lhe sido amputada a sua dimensão sacro-espiritual o seu nível ontológico foi rebaixado. Já não poderá compreender o Transcendente, tal como lhe era possível na Tradição graças ao que ele possuía de mais que humano; de Sobre-humano, diríamos. Sem Espírito apenas lhe resta a alma, a *psyqué* ou *mens* para viver “em ordem” com o(s) seu(s) deus(es). Ou seja, já só conta com meios meramente humanos para olhar o divino, meios esses que são apenas aqueles que a sua

mente coloca à sua disposição, através da fé e da crença. Por isso terá de contentar-se em ser apenas um fiel devoto da(s) sua(s) divindade(s). E irremediavelmente quando o homem foi obrigado a descer a este plano – sem mais – humano, quando a mente ocupa a cúpula na sua hierarquia constitutiva, ninguém poderá estranhar que a faculdade racional que nela (na mente) se encontra imersa se atrofie e possa duvidar da existência de qualquer realidade não sensível; como o é uma Realidade Transcendente (mais que humana) que não poderá apreender com as suas ferramentas meramente humanas (o método discursivo, o especulativo...). Encontrar-nos-emos, pois, nos alvares do racionalismo, do posterior relativismo para o qual não existem Verdades Absolutas e todo o plano da realidade (mesmo o Superior) pode ser questionado e encontrar-nos-emos também, como consecução lógica posterior, na antessala do agnosticismo e do materialismo.

As religiosidades de carácter lunar, próprias do mundo moderno, foram segregando um tipo de homem inclinado, inevitavelmente, a posturas escapistas em relação à possibilidade de busca do Espírito e em relação à possibilidade de actuar sobre o meio circundante com a intenção de modificá-lo e, mais ainda, rectificá-lo. Frente a elas ergue-se um tipo de Espiritualidade Solar e activa (a Tradicional) para a qual o fatalismo não existe e para a qual o homem deve traçar o seu próprio caminho (recordando uma adequada imagem oferecida pelo próprio Evola) tal e qual como o rio circula pelo leito que ele mesmo escavou. (6)

1. Tratamos este tema de forma mais extensa no nosso escrito "Contra o darwinismo" (ver em: <http://septentrionis.wordpress.com/2009/02/19/contra-el-darwinismo>).

2. Parágrafo extraído do nosso artigo "Os fascismos e a Tradição Primordial" (publicado no Boletim Evoliano, nº 4).

3. Do nosso escrito "Os iberos, príncipes do Ocidente" (ver em: <http://septentrionis.wordpress.com/2009/07/04/iberos-principes-de-occidente>).

4. Idem.

5. Veja-se em "Sobre as corridas de touros" (disponível em: <http://septentrionis.wordpress.com/2009/12/28/sobre-las-corridas-de-toros>).

6. Extraídos do nosso "Evola face ao fatalismo" (ver em: <http://septentrionis.wordpress.com/2010/08/19/evola-frente-al-fatalismo>).

Prólogo a «O Espírito Legionário»

Fernando M. Fluguerto Martí

Com esta publicação as *Ediciones Heracles* inauguram uma nova modalidade de que será a de editar sob a forma de opúsculos as conferências pronunciadas no Centro de Estudos Evolianos e que sejam marcos notáveis na enunciação do Pensamento Tradicional.

Nesta oportunidade toca-nos o tema de "O Espírito Legionário" que o Prof. Marcos Ghio expôs durante a jornada de quinta-feira, dia 16 de Setembro de 1999.

Tema tradicional e tema actual este, pois todo aquele que veja e apalpe a realidade que nos toca viver, tanto na Argentina como no resto do mundo, não pode deixar de reconhecer a necessidade de um tal espírito como terapia eficaz para os males que ameaçam terminar com todo um ciclo de civilização.

E é assim que o "espírito legionário" encerra toda uma cosmovisão, todo um curso de vida e de "mais que vida", como gostava de dizer Julius Evola, o mestre paradigmático da anti-modernidade.

Porque o Legionário, com maiúscula, implica um modo de ser e de viver que necessariamente acomete contra a raiz do mundo moderno. E não só significa uma posição intelectual ou ideológica que pode declamar-se ou na qual se pode meditar solitariamente nalgum retiro religioso, mas, pelo contrário, o Legionário pode e deve lutar de forma disciplinada e consciente. A sua é uma forma activa de participar no devir da história já que, quando fala, as suas palavras são armas em luta, quando reza, a sua oração é uma tomada de força para o combate e, quando pensa, ele na verdade organiza a próxima batalha. Que importa a forma que adoptar! Poderá ser física ou metafísica, mas terá sempre como objectivo restaurar, ali onde se tenham perdido, ou afirmar, ali onde ainda existam, os valores universais da Tradição. E, ao dizer Tradição, referimo-nos ao "Caminho que leva à Verdade que nos dará a verdadeira Vida", mencionando deste modo o fautor desta trilogia eterna e omnipresente no nosso mundo.

Claro que muitos duvidarão das possibilidades reais da existência nos nossos dias de um espírito legionário ou de um movimento legionário, tendo em conta a voragem, aparentemente inexorável, da corrente satânica que arrasa com todo o vestígio de Tradição. Mas acontece que o Legionário nunca vacila perante o poder do inimigo, pelo contrário, para ele será um acicate e um maior desafio. "Se estou no posto de maior perigo da frente de batalha é porque os deuses me consideram apto para vencer aqui", dirá o autêntico legionário.

A estratégia e a tática poderão mudar de acordo com o espaço e o tempo da luta, mas o conteúdo e o objectivo legionário não mudará jamais. Poderão até mudar as palavras com que estes se expressam, mas o símbolo Solar que ilumina o seu caminho não mudará jamais. Os símbolos não mudam, falam de diferentes maneiras em distintos momentos e lugares, mas a sua essência não muda, da mesma maneira que Deus não pode mudar. E o símbolo legionário poder-se-á visualizar de diferentes formas, mas por cima delas sempre brilhará o Sol do universo: o Apolo eterno que preside às quatro regiões. Será Júpiter na terra, Plutão nas profundezas, Poseidon no mar ou Urano no céu infinito.

Mas o legionário será um homem como todos os homens? Não. O legionário é, tal como todos os homens, composto de corpo, alma e espírito; mas, ao contrário do resto dos seus semelhantes, tanto o seu corpo como a sua alma e o seu espírito serão o fruto e o resultado de uma dura ascese. Será o resultado de uma Grande Obra alquímica. O legionário digno de tal nome terá passado pela dor do Negro, ter-se-á limpo no esplendor do Branco e terá consumado a sua preparação ao virar o Vermelho. Integrando todo o seu ser no "ouro acrisolado no fogo" que o *Apokalypsys* menciona.

Ninguém deve olhar para trás em busca de formas obsoletas ou perdas de organizações legionárias. Corneliu Codreanu, um dos últimos legionários com maiúscula, teve a sua *Legião de São Miguel Arcanjo*. Mas essa foi a "sua" legião, a da "sua" Roménia, a do "seu" tempo. Hoje talvez não devamos vestir os mesmos uniformes, nem arvorar os mesmos pendões nem esgrimir as mesmas armas.

E no entanto, como disse Julius Evola, "assim como desde um lugar elevado, na noite, se distinguem as luzes espalhadas na planície até aos mais longínquos horizontes, também se apresenta à mente a ideia de uma unidade superior, imaterial, da frente invisível de todos aqueles que, apesar de tudo, hoje lutam em toda a terra, numa mesma batalha, que vivem uma mesma revolta e são os portadores de uma mesma Tradição intangível".

Esse é o Espírito Legionário. Esse é o espírito do qual falarão as páginas que se seguem.

Doutrina

O Espírito Legionário

Marcos Ghio*

*A cem anos do nascimento de
Codreanu*

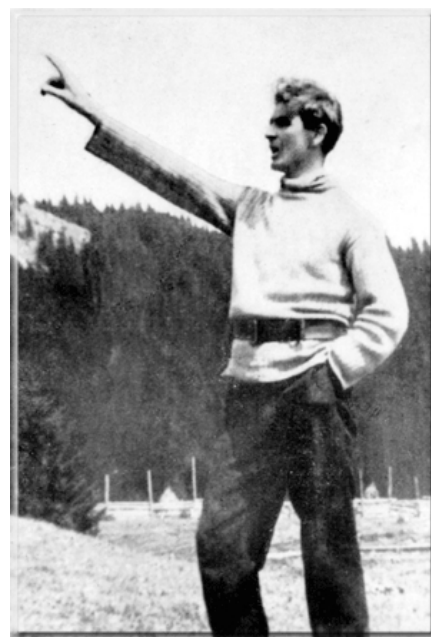
Hoje, nesta conferência, recordá-mos uma figura de excepção, daquelas que em momentos precisos e oportunos aparecem de repente na história, deixando-lhe gravada uma pegada indelével. Corneliu Codreanu, de quem se acabam de cumprir os 100 anos do seu nascimento, foi o líder romeno do Movimento conhecido como *Guarda de Ferro*, o que na realidade foi uma das denominações, tal como a de *Tudo pela Pátria*, assumidas pela *Legião de São Miguel Arcanjo*, e que actuou no crucial período que abarca os anos de entre-guerras, período no qual haveria de marcar-se a fogo o rumo da história europeia, e em especial naquela zona decisiva da sua geografia, a Europa central, num país encravado justamente no meio de duas potências em luta, a Rússia e a Alemanha. Recordemos além disso que Codreanu foi assassinado em plena juventude em 1938 de uma forma sinistra e ardilosa, como iremos ver.

A *Legião de São Miguel Arcanjo* significou um movimento político de grande envergadura, não só pela sua influência e importância numérica, já que ao seu redor chegou a nuclear, num determinado momento, mais de um milhão de pessoas, entre as quais se encontrava o melhor da juventude romena, representando o mesmo um despertar pleno da consciência nacional num momento de suma crise em que estava em jogo a própria vida da sua nação, além de possuir certos elementos essenciais que o tornavam diferente dos restantes movimentos europeus de carácter fascista de então, pelo que poderíamos dizer que é único nas suas características. Justamente, ao ser o título desta conferência “O Espírito Legionário”, estamos aqui a indicar que a *Legião de São Miguel Arcanjo* não foi simplesmente um movimento político. Nela estava presente algo

muito mais importante: uma nova concepção do mundo contraposta à que então imperava.

A este respeito digamos que Codreanu, como muitos dos seus compatriotas, percebia no começo deste século que fenece como o seu país era vítima de uma verdadeira invasão. Além das suas fronteiras, no limite com a sua Moldávia natal, ficava a Rússia desse tempo envolvida pela pior das revoluções havidas na história da humanidade, o comunismo. E queremos colocar uma ênfase especial no carácter peculiar que o mesmo possui, porque, se os movimentos de dissolução que o precederam demonstraram um repúdio ou uma indiferença ante os valores espirituais, o comunismo, por sua vez, foi um passo mais longe: chegava até ao ódio e ao combate sistemático contra o sagrado.

Façamos aqui uma pequena digressão. Alguns, entre os quais se contam os que diminuem a sua importância e significação, crêem que o comunismo terminou com a queda do *muro de Berlim* e com a dissolução dos Soviéticos. Isso seria o mesmo que dizer que a *Revolução Francesa* ou o liberalismo fracassaram porque já não existe mais a guilhotina, nem o regime jacobino se encontra no poder. No entanto em ambos os casos os mesmos seguem mais vivos que nunca; as suas consequências, seja do liberalismo como do comunismo, são as que hoje se vivem nessa síntese destes dois flagelos padecidos pela humanidade que é a *democracia moderna*, na qual se sublimaram as duas grandes bandeiras destes dois sistemas, a de uma liberdade, mas indiferente e inclusive contraposta à verdade, e a de uma igualdade em antagonismo com a equidade e ordem natural. Em relação às diferenças entre o liberalismo e o comunismo vale aqui o que foi dito por René Guénon que, ao referir-se às etapas terminais da decadência, distinguiu lucidamente entre a etapa da anti-tradição, primeiro movimento até à dissolução, e a da contra-tradição, o segundo que



lhe sobrevém consequentemente. Ou também, se nos quisermos expressar num léxico teológico, entre luciferismo e satanismo. O primeiro, ao significar o relativismo ou a recusa da existência da verdade universal, desembocava numa atitude de olvido ou indiferença perante o sagrado, o segundo pelo contrário, ao negar uma ordem natural e hierárquica, confluía consequentemente numa atitude de confronto com aquela esfera. Dito movimento caracterizava-se principalmente pelo materialismo, mas na sua forma mais crua. O comunismo levou ao terreno prático o que certas correntes filosóficas formulavam apenas teoricamente: a possibilidade de um homem que viva e se mova apenas em função do que é a dimensão mais baixa do ser humano. O comunismo representa a etapa da quarta casta na qual se edifica um homem sem pátria, sem nação, sem religião e sem família. Aproximadamente a situação na qual nos encontramos actualmente, ainda que as vias e os procedimentos, em razão da sublimação operada pela *democracia moderna*, não sejam exactamente os mesmos que se aplicavam na época em que Codreanu viveu.

Voltando agora à situação relatada, digamos que este verdadeiro caos que penetrava pelas fronteiras da Roménia desde o leste, encontrou no jovem de vinte e poucos anos um infatigável lutador na Faculdade de Direito de Iasi onde fazia os seus estudos. Ali organizou uma férrea

resistência contra o dito flagelo conseguindo agrupar ao seu redor um verdadeiro movimento juvenil de ressurgimento nacional, que se foi paulatinamente expandindo por todo o país e que representava a expressão cabal dos recursos espirituais da nação romena.

Nação romena que, é bom ressaltar aqui, tem um significado histórico especial. A Roménia, a antiga Dácia, foi a última nação a ser colonizada pelo Império Romano; daí o seu nome, e além disso a língua romena é em grande medida um derivado do latim ainda que com influências notórias também de idiomas eslavos. A Roménia foi pois o último intento colonizador da romanidade, acontecido cem anos depois da aparição do cristianismo e significou durante um longo período um travão ao avanço dos bárbaros. Além disso foi determinada mais tarde pela cultura bizantina ortodoxa, representando tais múltiplas influências espirituais uma reserva importante do Ocidente no seio da Europa central. Retornar pois ao espírito da nação romena perante o avanço da barbárie vermelha proveniente do leste significava ir até às raízes mais profundas do espírito do Ocidente.

Mas seria um erro pensar que com Codreanu nos deparamos simplesmente perante um homem de acção. Nele encontramos pelo contrário uma síntese e intuição genial acerca dos fins que deve possuir um movimento realmente alternativo ao sistema, um movimento capaz de rectificar o rumo declinante seguido

“Naquela época era ainda possível uma sã reacção, já que o sistema materialista democrático era capaz de chocar ainda a sã idiosincrasia do homem normal existente no Ocidente da primeira metade deste século, tendo gerado assim uma série de reacções. Todas elas deram lugar na Europa ao surgimento de movimentos verdadeiramente alternativos sob a forma daquilo que genericamente se designou com o nome de fascismo.”

pelo Ocidente cujas manifestações principais se encontravam, e ainda hoje se encontram, no Materialismo como concepção do mundo e na Democracia como forma de governo e de vida. Porque tenhamos sempre presente que a Democracia, regime social fundado na igualdade, é uma exigência do Materialismo, ideologia esta das classes económicas, as quais, ao transformarem a economia no destino das pessoas, para “agilizar” a produção, necessitam de um homem em série e massificado que consuma assiduamente aquilo que as modas exigem. O Materialismo inverteu a ordem normal da humanidade pelo que, se o normal sempre foi que a economia estivesse ao serviço do homem, hoje, pelo contrário, é o homem que se encontra ao serviço da economia.

Uma ordem invertida, contrária ao senso comum, conflui forçosamente num artifício mecânico, como um *Golem*, que significa uma inversão do real. Pois que para a tradição

a matéria é um símbolo do espírito, a mesma serve-nos principalmente para permitir perceber com a maior clareza as desordens existentes operadas em primeiro lugar sempre na esfera superior. Sabemos bem que dos três factores que compõem a economia – trabalho, capital (terra ou maquinaria) e dinheiro – só um deles, o dinheiro, carece de valor intrínseco e é portanto o menos importante de todos, porque pode ser facilmente substituído. Numa ordem subvertida, como a do Materialismo em que vivemos actualmente, acontece que pelo contrário se transforma no mais importante dos factores. Notem os senhores esta incongruência, como desde um largo tempo a esta parte, toda a economia do nosso país está ao serviço da finança, ou seja, do factor não produtivo, mas nem sequer argentina mas sim estrangeira, pelo que sucede hoje que todo o trabalho deste país, assim como quase todo o seu capital, é destinado a pagar os juros da dívida externa, gerando-se um empobrecimento da população como não se conheceu nem nos regimes mais escravagistas. E o mais curioso é que tudo isto sucede sem que ninguém mova uma palha e nem sequer se lhe desperte assombro.

Mas perante isto que hoje acontece numa etapa de maior decadência e degradação do que a de Codreanu, naquela época pelo contrário era ainda possível uma sã reacção, já que o sistema materialista democrático era capaz de chocar ainda a sã idiosincrasia do homem normal existente no Ocidente da primeira metade deste século, tendo gerado assim uma série de reacções. Todas elas deram lugar na Europa ao surgimento de movimentos verdadeiramente alternativos sob a forma



“A desordem moderna, de cuja dimensão hoje em dia cada vez mais pessoas já começam a tomar consciência plena, e que não pode já ocultar-se com todos os «avanços», «aparelhos» e «êxitos» da tecnologia, foi tão grande que foi desordenando paulatinamente as três dimensões próprias do humano. Assim, a uma Economia auto-suficiente que submete o homem erigindo-se em seu destino, sobrevém-lhe portanto a corrupção da Política e do Direito, convertendo-se em «negócios» e consequentemente a decadência também da Religião, a qual renuncia à sua função transcendente para se entregar, tal como sucede agora, a uma tarefa puramente moralizadora.”

daquilo que genericamente se designou com o nome de fascismo. Os fascismos – e pensamos não só no movimento social que recebeu tal nome em Itália, mas também noutros movimentos afins como o nacional-socialismo alemão e o falangismo espanhol como os principais – foram movimentos de reacção contra a profunda decadência materialista que se motorizara de forma acelerada na Europa principalmente a partir da era inaugurada pela *Revolução Francesa*.

Aqui é importante referir o pensamento de Codreanu através do testemunho que Evola nos deu na entrevista com ele mantida na cidade de Bucareste um par de anos antes da sua morte e que hoje se encontra amplamente relatada numa série de artigos escritos por Evola em sucessivas oportunidades, tendo tudo isto sido recentemente publicado pela *Fundação Julius Evola* de Roma com o título “A tragédia da Guarda de Ferro”. Codreanu, ao referir-se aos ditos movimentos de alternativa ao sistema, teria dado uma muito interessante interpretação dos mesmos manifestando que, enquanto a Democracia era o signo da doença dos nossos tempos, os Fascismos, pelo contrário, tinham sido reacções e movimentos restauradores da humanidade normal. E justamente, enquanto representantes de uma reacção conforme à natureza do homem, os mesmos tinham-se manifestado a nível social até essa altura formulando as diferentes realidades que o compõem. Assim como este

num plano individual, enquanto microcosmos, se expressa como um todo ordenado em três dimensões diferentes: o corpo, a alma e o espírito, esta mesma trilogia, transladada ao nível humano social (macrocosmos), manifesta-se também de acordo com três formalidades que lhe são próprias e diferentes. 1º O que é equivalente ao corpóreo, encontrar-se-ia na esfera da economia que é o correspondente ao biológico num plano individual; 2º O que é próprio da alma (esfera psicológica) enquanto princípio ordenador de um corpo, é aquilo que socialmente se exterioriza através da dimensão do Estado, ou seja, o correspondente à esfera política e 3º acima de tudo isto, o que corresponde ao destino próprio do humano que não é a mera vida,

mas sim o que é mais do que ela, é o equivalente à esfera espiritual que corresponde à dimensão metafísica e religiosa.

A desordem moderna, de cuja dimensão hoje em dia cada vez mais pessoas já começam a tomar consciência plena, e que não pode já ocultar-se com todos os “avanços”, “aparelhos” e “êxitos” da tecnologia, foi tão grande que foi desordenando paulatinamente as três dimensões próprias do humano. Assim, a uma Economia auto-suficiente que submete o homem erigindo-se em seu destino, sobrevém-lhe portanto a corrupção da Política e do Direito, convertendo-se em “negócios” e consequentemente a decadência também da Religião, a qual renuncia à sua função transcendente para se entregar, tal como sucede agora, a uma tarefa puramente moralizadora.

O corpóreo, que se expressa a nível social através da esfera da economia, pertence ao plano da biologia. A alma, que corresponde à esfera psicológica, representa o princípio de ordem do todo social, que a nível político se manifesta através do Estado e da disciplina do Direito; mas acima disto encontra-se a dimensão própria do espírito, a qual se vincula ao plano da Religião e à disciplina do Ascetismo, que é o seu fermento, os quais se expressam em níveis diferentes e institucionais através das igrejas ou na constituição de ordens ascético-monásticas. Ou seja, trata-se daquela dimensão que se refere ao que é mais do que mera vida no homem, aquela que o vincula à eter-



nidade. A este respeito Codreanu dizia que, em relação a estes níveis, o fascismo italiano teria sido o movimento que mais ênfase tinha colocado no aspecto psíquico-político bem como jurídico, na medida em que tinha criado um ordenamento do Estado no qual ressaltava a sua autoridade e carácter formativo e transcendente em relação à nação e à sociedade civil através da organização da mesma na instituição corporativa. Por sua vez, o nacional-socialismo, dando lugar ao elemento racial e biológico como factor selectivo da espécie, em contraposição ao simples universalismo abstracto e igualitário das ideologias materialistas que fossilizam o homem e consequentemente massificam a sociedade, despertou os impulsos étnicos da nação dando assim impulso à criatividade dos seus membros. Além disso, e em relação com isto, tendo sido o movimento que colocou mais ênfase no aspecto corpo, foi também aquele que conseguiu uma verdadeira ordem na economia.

A doutrina económica nacional-socialista do padrão trabalho contraposta à do padrão dinheiro, verdadeiro sucesso do nacional-socialismo e que é hoje ocultada com a ênfase holocáustica, foi e continua a ser a única correcção possível ao caos hoje existente na economia, na qual a humanidade vive na mais crescente das instabilidades num mundo interligado e globalizado no qual a crise existente na república mais longínqua e ignota repercute-se como um dominó na economia de todo o mundo com efeitos por vezes realmente catastróficos. Do mesmo modo que, a nível social, a importância e impulso dado ao racismo compreendido como orgulho e cuidado



biológico da própria estirpe conseguiu obter uma sociedade ordenada e com um sentido concedido à própria existência que transcende o do mero conforto e o de ser simplesmente felizes próprios do *último homem* de que falava Nietzsche. Mas tal só foi possível através da preparação previamente dada pelo fascismo o qual, ao ter estabelecido o princípio da autoridade como um carácter transcendente em relação ao todo social, outorgou assim um sentido à vida que transcende a mera imediatez. O mesmo é dizer que, sem a revolução fascista teria sido impossível a revolução nacional-socialista, mas as duas são no entanto, em si mesmas, revoluções incompletas. As duas devem ser pois concebidas como movimentos correctivos e reorientadores do rumo social e colectivo; mas estes movimentos seriam truncados e estariam destinados ao fracasso se não se produzisse, diz-nos Codreanu, uma terceira revolu-

ção que almejasse o elemento em falta, o carácter transcendente do homem. Esta seria a revolução que desencadearia a última das energias restauradoras, a que daria o golpe de misericórdia à modernidade, concluindo assim a idade de ferro em que nos encontramos. Porque o que em última análise nos diferencia dos modernos não é meramente uma doutrina do Estado, não é uma escola económica, nem tão-pouco é o racismo, mas sim principalmente uma concepção do mundo distinta. Ou seja, onde colocamos nós o acento, qual é o eixo último da vida do homem? De onde deriva a fonte última de todas as verdades, qual é ponto de apoio final e definitivo que nos distingue da modernidade? E a resposta é: ou esta vida ou algo que é mais do que ela mesma: a *supravida*. Ou o temporal ou o eterno, ou o espírito ou a matéria. Ou seja, trata-se de uma revolução que consiga vincular o último e essencial elemento que ainda estava de fora, o da religião, com a política, dando à mesma um rumo sagrado e transcendente e por sua vez dando à religião como instituição, um carácter verdadeiramente social, separando-a daquilo a que tinha ficado reduzida com a revolução moderna: um mero fenómeno interior das consciências, uma espécie de fábrica distribuidora de castigos e prémios eternos em relação à vida moral das pessoas.

E mais ainda, ambas as revoluções, se ficarem limitadas a si mesmas, dão lugar a graves desvios. Assim, um Estado desligado de um

“ Sem a revolução fascista teria sido impossível a revolução nacional-socialista, mas as duas são no entanto, em si mesmas, revoluções incompletas. As duas devem ser pois concebidas como movimentos correctivos e reorientadores do rumo social e colectivo; mas estes movimentos seriam truncados e estariam destinados ao fracasso se não se produzisse, diz-nos Codreanu, uma terceira revolução que almejasse o elemento em falta, o carácter transcendente do homem.”

“Legião e Partido são dois conceitos antitéticos e antagónicos. Enquanto que a essência de um partido é o manifesto ou o programa, que é como que a mercadoria que se oferece ao cidadão, o anzol com o qual se tenta apanhar o seu voto, aqui é substituído por um conceito mais vasto e universal, que é a concepção do mundo. Se o Partido se esgota simplesmente na conquista do Estado para acomodar os seus membros e repartir prebendas aos seus votantes, a função da Legião é pelo contrário modificar o homem. É por isso que, dirá Codreanu para distinguir a política do Partido da da Legião, enquanto que para o democrata partidário a política é um negócio, para o legionário é uma religião.”

conteúdo sagrado e transcendente pode transformar-se muito facilmente numa instituição burocrática e acomodatória, num simples detentor do monopólio da força, obtendo por sua vez dos seus súbditos adesões efémeras que se diluem rapidamente perante o primeiro fracasso, tal como sucedeu com a queda do fascismo de Mussolini à qual se seguiu a mudança imediata de lado da imensa maioria dos italianos. E do mesmo modo, um racismo carente de um conteúdo espiritual é passível de cair no desvio do biologismo o qual acaba por reduzir o homem à mera categoria de animal de *pedigree*. Um exemplo disto foi o desprezo com o qual certo nacional-socialismo tratou todos aqueles que não fossem arianos germânicos, tal como se viu na primeira etapa da guerra contra a Rússia soviética na qual a repulsa pelo eslavo, o qual se categorizava ironicamente como “escravo”, teve como resultado que se prescindisse da valiosíssima colaboração que teria resultado de accionar o exército russo anticomunista do general Vlasov, que pelo contrário foi relegado e diminuído em importância, limitando-se a funções de retaguarda em plena contenda bélica.

Vinculada à religião, a política deixa de ser concebida como um mero trampolim para obter ganhos económicos ou prestígio individual, e transforma-se assim numa vocação transcendente, num instrumento para que, através da sociedade, o

macro organismo humano, o homem consiga realizar o fim último que é a eternidade. É assim que, em função deste contributo recebido desde a esfera religiosa, se abre caminho no âmbito político a um tipo de organização que supera as organizações então existentes e que são as que agora estão na ordem do dia, essas verdadeiras pandilhas de distribuidores e vendedores de influências que hoje conhecemos e que dão pelo nome de *partidos políticos*. O conceito de Partido, que é a organização política essencial do regime moderno, é substituído por um mais vasto e profundo, o de Ordem ou Legião.

Legião e Partido são dois conceitos antitéticos e antagónicos. Enquanto que a essência de um partido é o manifesto ou o programa, que é como que a mercadoria que se oferece ao cidadão, o anzol com o qual se tenta apanhar o seu voto (o qual, como bem sabemos, tem apenas um inconveniente e que é o de nunca se cumprir), aqui é substituído por um conceito mais vasto e universal, que é a concepção do mundo. Se o Partido se esgota simplesmente na conquista do Estado para acomodar os seus membros e repartir prebendas aos seus votantes, a função da Legião é pelo contrário modificar o homem. É por isso que, dirá Codreanu para distinguir a política do Partido da da Legião, enquanto que para o democrata partidário a política é um negócio, para o legionário é uma religião.

Pois bem, sendo a Legião o opo-

to do conceito de Partido, sendo uma realidade antitética em relação a este último, exige uma série de requisitos totalmente distintos do que normalmente existe hoje em dia. É actualmente comum filiar-se num partido para progredir e, por sua vez, é normal da parte do Partido andar atrás das pessoas para que se filiem ou votem nele, pois isso implica para este um ganho de carácter principalmente económico (reconhecimento legal, franquias, subsídios, etc., portanto, dinheiro). Passa-se exactamente o contrário com a Legião. Ser legionário é principalmente um orgulho e algo que se consegue depois de uma série de requisitos não facilmente alcançáveis por qualquer um. Parte-se aqui da ideia de que vários séculos de modernidade e materialismo geraram uma profunda perversão no homem, o qual deve ser corrigido e modificado. Aquele que ingressa na Legião não o faz para ascender ou progredir, como acontece hoje em dia, mas sim para se rectificar. A Legião é pois uma escola para as pessoas, um lugar onde estas recebem uma aprendizagem, mas não no sentido habitual do que é a educação hoje em dia, pois actualmente onde menos se educa é na escola, onde quando muito se adquire um certo adestramento ou técnica que em si mesma não transforma grandemente a pessoa, mas sim uma acção modificadora desta, pela qual quem nela ingressa deve restaurar essa unidade originária no sentido de que o espírito reja a alma e esta governe o corpo. Numa época materialista como a nossa onde o hedonismo, a busca tão-só dos prazeres materiais, é o que prima, a acção correctiva desencadeava-se através de um profundo ascetismo. Por exemplo, durante três dias por semana cerca de 800.000 homens praticavam o denominado “*Jejum negro*”, que consistia numa total abstinência de alimento, bebida e tabaco. Isto tinha por significado acostumar o corpo a submeter-se aos ditados do espírito. Por sua vez, era muito comum na Legião a oração cuja finalidade, desde uma perspectiva ecuménica (já esclareceremos este conceito), não tinha o valor de mera solicitação de um privilégio especial, de um dom ou graça que se pede, e que exija a humilhação da pessoa, mas tratava-se principalmente da

convocação de forças do alto a fim de que acompanhassem a acção. Neste sentido a reza ou oração era a acção ritual através da qual se solicitava que os espíritos dos heróis da nação em toda a sua história (daí ecumenismo, que não tem nada que ver com essa verdadeira paródia de tal nome hoje instaurada pelo Concílio Vaticano II) descessem à arena e acompanhassem o legionário na sua luta sem igual contra as forças do caos ali presentes. Trata-se do sentido autêntico de universalidade pelo qual na luta pela restauração se convocava a totalidade da nação (ecuménico significa universal), tanto os vivos como os mortos, pelo que o combate não era apenas físico, mas principalmente metafísico. Encontrava-se assim a ideia tradicional de que a guerra não se vence no plano físico e material se não tiver sido vencida antes na esfera do espírito.

A Legião tinha além disso um corpo mais elevado de elite destinado a buscar um mais vasto sacrifício e entrega pela causa. Se a decadência era abismal, mais profunda deveria ser a oferta. Nesse corpo mais elevado da Legião praticava-se o celibato, pois considerava-se que o compromisso familiar colocava obstáculos e limites a uma entrega que fosse absoluta à causa de Deus e da Nação. Motza e Marin, mártires da Legião, mortos na guerra civil espanhola, eram venerados como santos.

“É uma superstição pensar que em cada combate são unicamente as forças materiais que intervêm de maneira decisiva, o valor principal encontra-se nas espirituais. Trata-se pois de suscitá-las para que as almas dos mortos pela pátria acompanhem os vivos”, dizia Codreanu. Isto recorda velhas práticas da mais antiga tradição indo-europeia. Na realidade a guerra não era ganha pelo mais forte, mas sim por aquele que tives-



Funeral de Mota e Marin, mortos na frente de Majadahonda durante a Guerra Civil de Espanha

se sido capaz de atrair, através de ritos e sacrifícios, os espíritos dos deuses e dos heróis para o seu lado.

Por tal razão Codreanu atribuía um valor significativo à religião, mas não como fé convencional e subjectiva desligada do Estado. Esta independência da religião em relação à política teve como resultado histórico no Ocidente a dessacralização desta última e a sua consequência final no submetimento à economia como hoje em dia e por sua vez, como correlato, a constituição de uma instituição supra-estatal colocada acima da nação e em competição com o seu próprio governo, tal como foi historicamente o *Estado Vaticano* em relação aos impérios e nações católicas. A tal respeito ele ressaltava uma importante diferença que a sua religião, a cristã ortodoxa, tinha em relação ao catolicismo romano. Ao não se ter separado naquela o facto religioso da vida social e política da nação, em nenhum caso a instituição religiosa tinha manifestado pretensões políticas, nem tinha entrado por isso em competição com o Estado

nacional, tal como aconteceu e ainda acontece hoje em dia com o Ocidente vinculado ao *Estado Vaticano*, cujas intrigas superaram em muito historicamente a sua função sagrada e pastoral. A Igreja ortodoxa, ao não ser um Estado supranacional, não tinha inconveniente algum em integrar-se no seio de um Estado nacional cumprindo assim com a sua função específica de consagrar.

Não obstante esta indiscutível vantagem, muito favorável para um processo de restauração, Codreanu considerava que, em razão da situação reinante colectivamente, mesmo o Patriarcado da Roménia, autónomo em relação aos restantes da ortodoxia, se encontrava lamentavelmente submetido também ele ao vírus da modernidade. Não por acaso o Patriarca fazia naquela altura parte do gabinete do Rei, justamente de um rei aburguesado e frágil, submetido e débil a todas as pressões das forças do caos. Por esse motivo Codreanu considerava que uma das suas metas era não só conseguir a ressurreição da romenidade como facto político, mas também e principalmente a restauração do autêntico espírito cristão inserido na essência da sua nação, sendo o seu movimento, através do exercício de uma férrea disciplina ascética, um verdadeiro e claro exemplo e meio para tal fim. Ficam assim superadas as objecções guelfas, tão comuns no nosso ambiente “nacionalista”, de que “apenas a Igreja salvará a Igreja” e de que o papel dos laicos é o de simplesmente rezar e esperar que

“Codreanu considerava que uma das suas metas era não só conseguir a ressurreição da romenidade como facto político, mas também e principalmente a restauração do autêntico espírito cristão inserido na essência da sua nação, sendo o seu movimento, através do exercício de uma férrea disciplina ascética, um verdadeiro e claro exemplo e meio para tal fim.”

“A terceira revolução, a legionária, aquela que substitui o vetusto conceito de partido pelo mais claro e radical de Ordem, era pois a mais profunda de todas: significava questionar a modernidade até às suas próprias raízes, implicava a verdadeira rectificação da história do Ocidente e, porque não dizê-lo, do mundo inteiro.”

esta reassuma a sua função autenticamente espiritual, numa atitude passiva que nos faz recordar as incessantes esperas por espadas salvadoras que nunca aparecem, e que nunca aparecerão porque a responsabilidade de salvar a Pátria é de cada um de nós e, como esta é também uma dimensão, além de económica e política, principalmente espiritual, nunca se restaurará a nação sem o fazer simultaneamente com a religião. Justamente, na medida em que ressaltava a existência de uma trilogia indissolúvel no homem composta de espírito, alma e corpo, devia ser pois um mesmo movimento a simultaneamente restaurar a nação juntamente com a religião. Mais, era impossível restaurar uma sem a outra, do mesmo modo que não se pode reconstituir um homem simplesmente saneando o seu corpo, se simultaneamente este não colocar ordem na sua alma e se esta, por sua vez, não se subordinar ao seu espírito. Por isso as duas revoluções anteriores estariam destinadas ao fracasso se não se complementassem com a terceira e definitiva.

Por tudo quanto foi dito salta à vista a ideia grandiosa que resulta da Legião como projecto e a insignificância que perante a mesma adquire o conceito de Partido. Codreanu tinha imposto como norma que todo aquele que se filiasse num partido fosse automaticamente expulso da Legião. O partido era equiparado a uma instituição criminosa que tinha de ser combatida com todas as forças. No entanto, também na sua época surgiram pessoas que por vezes “por tática” pensaram na conveniência de filiar-se em algum partido para “tomá-lo” ou transformá-lo. A este respeito Codreanu é claro nas suas críticas; ele costumava dizer que quem assim opinava assemelhava-se àqueles que consideravam que

o Mar Negro, que é salgado e pequeno, em comparação com o Mediterrâneo por exemplo, iria transformar-se com o decorrer dos anos em doce em virtude de todos os afluentes que lançavam permanentemente as suas águas nele. Precisamente o contrário, respondia, não só continuará sempre salgado, como também transformará em salgadas as águas doces que afluem até ele. Recorde-mos a tal respeito todas aquelas pessoas que conhecemos que tentaram a sorte nos partidos e veremos quanto razão tem esta simples reflexão.

A terceira revolução, a legionária, aquela que substitui o vetusto conceito de partido pelo mais claro e radical de Ordem, era pois a mais profunda de todas: significava questionar a modernidade até às suas próprias raízes, implicava a verdadeira rectificação da história do Ocidente e, porque não dizê-lo, do mundo inteiro. Deveria portanto o sistema recorrer às mais subtis armas de homicídio para se desembaraçar de Codreanu, armas próprias de uma raça ardilosa, de uma raça vil, vermicular e sinistra que Evola caracterizou magistralmente como a raça do homem fugaz, raça caracterizada por ser pegajosa, esquiva como uma alimária, carente do mais mínimo princípio e sempre disposta a trair vendendo-se a quem oferece o melhor preço. Esta raça, própria do homem moderno, recorrerá pois aos instrumentos mais sinistros e sórdidos para se livrar de Codreanu e poder assim coarctar, eliminando-a nas suas próprias raízes, a terceira e definitiva revolução fascista.

É precisamente um dom e uma consigna legionária o compromisso absoluto com a verdade, o repúdio por qualquer mentira, pelas duplas mensagens, pela “esperteza”, concebida como o pior dos pecados da espécie. Se para o moderno, sob a

influência do judeo-cristianismo, foi o da soberba o pecado concebido como a fonte e origem da queda do homem, a qual se expressaria hoje através do verbo *discriminar*, onde os soberbos seriam os *autoritários* que *discriminam* e que portanto se tornam passíveis hoje em dia dos piores castigos. (Na realidade *discriminar* não significa outra coisa que estabelecer diferenças entre os seres; e por sua vez o repúdio por tal função essencial dá lugar a uma falsa e vaidosa humildade, de que são exemplo ostensivo tantos padres terceiro-mundistas que “optam pelos pobres”, assim como defensores dos direitos humanos.) Para o legionário pelo contrário a veracidade e o repúdio absoluto pela mentira é a virtude essencial. E este é pois um dos aspectos fundamentais que diferenciam um homem tradicional de um moderno. Que um político reconheça abertamente ter mentido como sinal de habilidade e reconhecimento consequente (pensemos no nosso actual presidente), apenas geraria repugnância num homem da tradição. Dita pessoa deveria ser imediatamente defenestrada e submetida a um castigo exemplar.

Como mais um sinal dos tempos digamos que hoje não existe nenhuma lei que penalize a mentira mas existe uma para os que “*discriminam*”. E isto pela simples razão de que a traição e a mentira são as armas últimas da Democracia, a qual elaborou uma subtil teoria da mentira encoberta segundo a qual a verdade não existe, existindo apenas pontos de vista e, por isso, morais discrepantes, tal como sentirá no seu sangue o Codreanu mártir.

Naquela altura havia um rei chamado Carol, uma personalidade débil, sem carácter nem espinha dorsal, como todos os expoentes da raça do homem fugaz, facilmente influenciável, neste caso pela sua amante, a intriguista hebreia Elena Wolf, alcunhada *Lupescu*, uma espécie de Salomé dos tempos modernos. Sob sua influência ele organizou um gabinete de orientação democrática e liberal para o qual Codreanu era indubitavelmente o principal inimigo. Como nessa altura ocorria na Europa o avanço do hitlerismo com a anexação da Checoslováquia e da Áustria, então, perante o temor de que Codreanu, aproveitando o entu-

siasmo reinante, pudesse organizar uma revolução similar (ainda que de modo nenhum anti-monárquica porque ele sempre se declarou fiel à monarquia), mandou-se detê-lo e inventou-se um simulacro de fuga no qual será assassinado juntamente com outros treze dos seus camaradas.

Pois bem, visto isto desde os interesses imediatos da monarquia, diremos que o golpe no entanto correu mal ao rei, porque a grande indignação causada por tal vil assassinato gerou uma reacção contrária que produziu a sua queda às mãos de Antonescu, um militar simpatizante de Codreanu, embora, como se verá rapidamente, incapaz de efectuar a revolução necessária, que era o que em última instância se pretendia evitar. E isto era mil vezes preferível para o sistema, que será finalmente o verdadeiro vencedor da morte de Codreanu. Pensemos nos quase cinquenta anos de feroz tirania comunista que sobrevirão de seguida à Roménia.

De tudo quanto foi dito as reflexões que se devem fazer são as seguintes:

1. Em primeiro lugar a *Legião de São Miguel Arcanjo* representava para o regime um perigo muito maior que os restantes movimentos; daí o rigor com que a mesma foi reprimida até à supressão física do seu chefe, mesmo ignorando todas as represálias possíveis. A chegada ao poder do general Antonescu, assim como a queda de uma monarquia servil, como a que actualmente existe em Espanha, substituída por uma ditadura militar do estilo da de Pinochet no Chile, era sempre preferível ao triunfo de um movimento plenamente alternativo que conduzisse a revolução até à terceira dimensão possível, a pertencente à esfera própria do espiritual, aquela que atacaria o sistema nos seus princípios fundamentais, baseadas numa ordem fundada na matéria.

2. A outra consequência que daqui se pode retirar é que, se bem que destruído nas suas raízes, o movimento de Codreanu deixará marcas indeléveis. Um primeiro resultado da terceira revolução legionária foram duas expressões claras da mesma ocorridas em plena contenda bélica através da constituição de duas ordens guerreiras. A dos



O General Antonescu ao lado de Horia Sima (sucessor de Codreanu na liderança da Legião)

Kamikaze no Japão e a das *Waffen SS* na Alemanha, a qual, na última etapa da guerra, assume um conteúdo superior de Ordem encarregue de instaurar uma concepção do mundo diferente, transformando assim a última grande contenda bélica de uma mera pugna entre nações numa guerra ideológica entre concepções do mundo opostas e antagónicas. Recordemos que nas SS estiveram presentes voluntários de todas as nacionalidades, superando-se deste modo a primeira limitação ariano-germânica que se tinha imposto. Em ambas, eram estritos valores espirituais os que regiam a acção. Considerava-se assim a vida como uma passagem, como um instrumento essencial para alcançar a eternidade. A guerra era pois nelas o meio de elevação e realização superior.

3. A última consequência que nos

falta analisar é relativa à derrota padecida por todas essas correntes. É comum perguntar-se como foi possível que aqueles elementos que conseguiram suscitar as forças do alto, através da invocação e da oração, através do exercício mágico e oportuno dos ritos, aqueles sectores que encontraram na entrega heroica e ascética um pilar essencial da acção, fossem derrotados justamente por aqueles outros que negavam os valores do espírito refugiando-se pelo contrário nos mais sórdidos e abismais da matéria: ou seja, os que fizeram valer o poder destrutivo da maquinaria sobre o valor e o heroísmo humano. A guerra moderna em que a máquina suplantou o homem parece hoje negar valor a certos princípios tradicionais fundados na honra e no heroísmo. Parece pois, então, que aquele que mente, que foge à

“No entanto, é precisamente hoje em dia, no momento em que este mundo de massas e de máquinas parece ser triunfante, que podemos detectar vislumbres claros do fim. É justamente Codreanu quem nos dá a chave: o homem actual é um ser que recusa o ascetismo, ou seja, o único meio que dá ao homem os instrumentos necessários para conseguir ser forte e, portanto, poder sobreviver. Todo o sistema actual baseia-se no repúdio pelo sacrifício e na procura de prazeres sempre maiores os quais, se não são alcançados, afundam o sujeito no desespero, tornando-o assim um ser frágil e caprichoso.”

contenda, que recorre à traição, que carece de honra, está destinado a vencer.

Depois do fracasso da terceira revolução pareceu instalar-se em muita gente a ideia de que a chave do êxito se encontra na mentira e no engano, ou também que o mero empenhamento exorbitado da força material se encontra em superioridade vitoriosa sobre as potências do espírito, cuja manifestação é, pelo contrário, o heroísmo. Isto deu lugar a diferentes interpretações. Evola, não sem cepticismo, manifestou que este fenómeno pode ficar a dever-se ao facto de no moderno, por motivo da sua intensa e excludente frequência do que é relativo à matéria, se ter produzido como que uma espécie de endurecimento da mente, pelo que acabou por se tornar imune a qualquer influxo espiritual. Ele escreve-o talvez com pessimismo na ocasião do recuo último que os centros espirituais tiveram perante o avanço das forças mais obscuras e sórdidas do caos (como o caso de Mao no Tibete quando destruiu sem nenhum problema a última sociedade tradicional existente e a consequente fuga do Dalai Lama).

No entanto, é precisamente hoje em dia, no momento em que este mundo de massas e de máquinas parece ser triunfante, que podemos

detectar vislumbres claros do fim. É justamente Codreanu quem nos dá a chave: o homem actual é um ser que recusa o ascetismo, ou seja, o único meio que dá ao homem os instrumentos necessários para conseguir ser forte e, portanto, poder sobreviver. Todo o sistema actual baseia-se no repúdio pelo sacrifício e na procura de prazeres sempre maiores os quais, se não são alcançados, afundam o sujeito no desespero, tornando-o assim um ser frágil e caprichoso. Diz a tradição que toda a realidade é símbolo. A raça do moderno, a raça do homem fugaz, encontra-se simbolizada hoje em dia num meio como a televisão, a qual com os seus *ratings* nos brinda a imagem deste carácter efémero de tudo o que nos rodeia. Tudo desaparece com imensa facilidade da mesma maneira que surge. E se queremos remeter-nos

aos grandes acontecimentos internacionais, creio eu que nunca existiu na história um final tão rápido e estrepitoso como o do regime soviético de Moscovo. Pensemos, em relação a isto, quantos séculos durou o processo de queda e desaparecimento do Império Romano. Mas além disso também: todo o poço tem sempre um fundo.

Podemos afirmar que a primazia do espírito sobre a matéria se manifesta naquelas atitudes ascéticas assumidas claramente por Codreanu há tantas décadas atrás, totalmente independentes do êxito da acção. Os retraimentos são parciais, a contenda tem que ser vista em toda a sua magnitude. O próprio facto de poder sobreviver e não desfalecer mantendo sempre ao alto os valores apesar de se saber minoria e muito prolongada minoria, é uma verdadeira vitória sobre a modernidade, a qual os funda pelo contrário no êxito visível, no *rating* que uma empresa obtém. Hoje, quando tudo se mede em quantidades numéricas, o simples facto de sustentar uma ideia prescindindo de tal tribunal quantitativo e portanto material e ao mesmo tempo mantendo-se sempre de pé, é um êxito sem igual e uma verdadeira vitória contra as forças do caos. Estas, pelo seu carácter efémero, perecerão, nós, pelo contrário, não.

* Conferência pronunciada no Centro de Estudos Evolianos em 16/09/1999, na Cidade de Buenos Aires.

“Hoje, quando tudo se mede em quantidades numéricas, o simples facto de sustentar uma ideia prescindindo de tal tribunal quantitativo e portanto material e ao mesmo tempo mantendo-se sempre de pé, é um êxito sem igual e uma verdadeira vitória contra as forças do caos. Estas, pelo seu carácter efémero, perecerão, nós, pelo contrário, não.”

Todos os números anteriores do Boletim Evoliano estão disponíveis on-line em: www.boletimevoliano.pt.vu

Comentário

A propósito de Pedro Varela: Bandeiras e Etiquetas

Eduard Alcántara

Há pessoas que dizem hastear a mesma bandeira que a nossa. Há aqueles que dizem fazê-lo, senão for com a mesma, com uma bandeira semelhante. Nós temos dificuldades em identificar muitas dessas bandeiras como iguais ou semelhantes à nossa. Nisto não reside nenhuma dificuldade. No entanto, depois de conhecermos uns e outros não demora muito tempo até que comecemos a sentir-nos em comunhão existencial com uns e a ver outros como estranhos. Não adianta ostentar publicamente uma etiqueta ou outra mas sim aspirar a viver de acordo com os princípios e a essência que a caracterizam. Não nos chega, sequer, que nos demonstrem erudição e conhecimento dos conteúdos e objectivos contidos na nossa bandeira. Há que exigir, no mínimo, um intento de assumpção dos seus parâmetros vitais.

Há indivíduos que, por muito que digam que partilham a nossa trincheira, nunca serão dos nossos nem nunca os consideraremos como tal, pois após um breve contacto não descortinamos na sua actuação nenhum valor entre aqueles que são próprios do Homem da Tradição. Não identificamos nestes indivíduos nem um vestígio de nobreza, de lealdade, de fidelidade, de valentia, de sinceridade, de franqueza, de serenidade, de temperança, de espírito de serviço e sacrifício, de firmeza interior, de bravura, de tenacidade, de perseverança, de laconismo, de prudência ou de abnegação, mas pelo contrário, em pouco tempo, poderemos vislumbrar ou perfídia, ou hipocrisia, ou egoísmo, ou individualismo, ou ânsia de notoriedade, ou tendência para a cobardia, ou predisposição para a traição, ou deslealdade, ou mentira, ou ligeireza para criticar ou até caluniar aqueles que lhe são próximos, ou a inveja, ou rancor, ou o ódio, ou a incontinência verbal, ou a charlatanice, ou a irascibilidade, ou mudanças súbitas de humor, ou a instabilidade psíquica, ou a ruindade, ou a inconstância, ou a dissimulação, ou a estridência e a imprudência. Para nós é, por isto, quase indiferente, se alguém hasteia a nossa bandeira ou uma parecida, pois o que na verdade nos importa é que o faça tentando sentir os valores que sempre foram os da Tradição e não apenas impregnados dos contravalores do mundo moderno. A etiqueta não nos serve de nada se o etiquetado nada faz em honra dela. Causa-nos ainda mais desagrado o indivíduo que professa verbalmente a sua adesão a uma etiqueta semelhante à nossa e a mancha de modo execrável do que aqueles contemporâneos nossos que se sentem identificados com esta funesta modernidade e fazem gala do seu posicionamento. Estes, ao menos, mostram coerência entre os seus contravalores de referência e a etiqueta própria do mundo moderno, o qual

idolotram e santificam. Os outros, pelo contrário, traem as nobres causas com a sua maneira de ser. Sentimos camaradagem por aqueles que mesmo não militando exactamente na nossa bandeira são fiéis na sua existência aos valores que temos identificado como próprios da Tradição. Talvez possamos discordar

com estas pessoas em certos detalhes na hora de conceber a existência. Embora possamos ir beber a fontes idênticas, talvez algumas das nossas referências históricas (ou proto-históricas) ou míticas não sejam as mesmas (ou exactamente as mesmas) mas sentimo-nos como camaradas quando conhecemos e podemos comprovar os valores que os regem e caracterizam a sua maneira de ser.

Neste sentido, entre estas pessoas dignas de admirar pelo exemplo que dão – ao serem coerentes com os valores nos quais acreditam – encontramos um represaliado pelo Sistema Dominante, Pedro Varela. Poucas pessoas como ele libertam essa espécie de aura que é a marca da coerência, da honestidade, da tenacidade e da limpidez de ânimo. Uma aura que move a admiração de todos aqueles que apreciam os valores ignorados e menosprezados, pertencentes ao Mundo da Tradição. Por outro lado, Pedro Varela apenas provocará inveja, receios e ódio entre os modernos, impotentes para fazer seus aqueles elevados valores, pois a incapacidade e a impotência movem a inveja dos que não são capazes de dignificar-se pela sua vontade e esforço constante.

Que os escassos Homens rectos propaguem seus ideais entre si, enquanto os néscios, os desajustados, os alienados e os desequilibrados produtos da modernidade vão merecendo o respeito do Sistema. No entanto, não nos surpreende o destino que o mundo moderno outorga a estes tipos antagónicos de pessoas, pois aos primeiros não os pode manipular, domesticar, hipnotizar, e aos segundos, pelo contrário, seduz, programa e converte em seres movidos por reflexos compulsivos e escravizados com grande facilidade.

Mesmo que apenas exista um homem íntegro, a chama da Tradição não se extinguiu de todo!





«Oh céu acima de mim! Céu claro e profundo! Abismo
de luz! Ao contemplar-te estremeço de divinos desejos!
Eleva-me à tua altura: eis a minha profundidade!
Cobrir-me com a tua pureza: eis a minha inocência!»